

Leopoldo Waizbort

AS AVENTURAS DE
GEORG SIMMEL

Universidade de São Paulo

Reitora: Profa. Dra. Suely Vilela

Vice-Reitor: Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Gabriel Cohn

Vice-Diretora: Profa. Dra. Sandra Margarida Nittrini

Departamento de Sociologia

Chefe: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Chefe: Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Coordenador: Prof. Dr. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Vera da Silva Telles

Secretaria do Programa: Irany Emídio, Maria Ângela Ferraro de Souza
e Juliana Maria Costa

Agradecimento

O autor e o Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo agradecem à CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — os recursos que viabilizaram a co-edição deste livro.

Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Universidade de São Paulo

editora ■ 34

Georg Simmel nasceu em 1º de março de 1858 em uma construção enclavada em um dos pontos de maior movimento em Berlim: a esquina de Friedrichstraße com Leipzigerstraße. Mais tarde, ele sempre brincava com o fato de ter nascido no “coração” da cidade, no cruzamento das maiores ruas de comércio. Não havia nada que pudesse exprimir tão bem o quão intimamente ligado ele era a Berlim como o lugar no qual nasceu.

Berlim desenvolve-se muito no curso do século XIX: luz elétrica, novos espaços, prostituição, pobreza, magazines, mercadorias, ruas de comércio, passagens, barulho, dinheiro, poluição, artes, trens, bondes, automóveis, ideias, exposições, estranhos: tudo isso é novo¹. Berlim é uma cidade tardia, ainda mais para os padrões europeus: *uma cidade da época burguesa*². “Berlim tornou-se uma cidade grande da noite para o dia, como um especulador feliz.”³

Em 1868 os muros que separavam a cidade dos arredores são derrubados, simbolizando a queda dos antigos limites da cidade e sua expansão e transformação. Durante o reinado de Wilhelm I (1871-1888) Berlim se industrializa rápida e constantemente. Seu neto Wilhelm II (reinado de 1888 a 1918), grande entusiasta do progresso técnico, estimula a expansão industrial, forçando a já poderosa indústria metalúrgica, estimulando o desenvolvimento da indústria química e elétrica, reforçando o já célebre quadro burocrático prussiano. “O desenvolvimento da cidade na Alemanha ocorre desde a metade do século XIX sob as condições da sociedade industrial, e precisou então seguir máximas inteiramente novas, sobretudo da economia.”⁴

¹ Pode-se ver: D. e R. Glazer, *Berliner Leben 1900-1914. Eine historische Reportage aus Erinnerungen und Berichten*, Westberlin, Das europäische Buch, 1986.

² Sobre isto, o sugestivo texto de R. Thiesen, “Berlinsche Dialektik der Aufklärung”, in W. Prigge (org.), *Städtische Intellektuelle. Urbane Milieus im 20. Jahrhundert*. Frankfurt, Fischer, 1992, pp. 142-61.

³ H. Mackowsky, “Hans Baluschek”, in *Kunst und Künstler*, 1, 1902/1903, p. 338 apud C. H. Haxthausen, “Eine neue Schönheit. Ernst Ludwig Kirschners Berlinbilder”, *op. cit.*, p. 77.

⁴ B. Schäfers, “Stadt und Kultur”, in *Kölnner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Sonderheft 29: Soziologische Stadtforschung, 1988, p. 99.

Uma visada no incremento da população de Berlim permite-nos dimensionar o desenvolvimento da cidade desde 1871, ano da proclamação do Segundo Império:

Ano	População Berlim	População Grande-Berlim
1871	826.000	915.000
1885	1.315.000	1.537.000
1895	1.677.000	2.218.000
1905	2.040.000	3.131.000
1919	1.928.000	3.674.000

Dos cerca de 1.700.000 habitantes em 1900, somente 40% eram nascidos na cidade. Isto ilustra o enorme afluxo de pessoas para a capital.⁵ Com a população tão aumentada nas cidades, o comércio varejista tornou-se mais lucrativo do que nunca. A multiplicação de compradores inaugurou uma nova forma de comércio, centralizada nas lojas de departamentos, à custa dos clássicos mercados ao ar livre e das pequenas lojas.⁶ Com o surgimento das vitrines, as mercadorias passam progressivamente a dominar o cenário das cidades. O dinheiro exerce, cada vez mais, o seu papel de símbolo da época.

A distinção entre Berlim e Grande-Berlim, assinalada no quadro, ocorre porque, no plano administrativo, a cidade de Berlim, até a década de 1920, é apenas um pedaço da cidade propriamente dita, que com o crescimento englobou progressiva e continuamente as localidades limítrofes. Na segunda metade do século XIX, Berlim passa pelo processo de transformação de uma cidade-residência a uma moderna aglomeração urbana. O que de início ainda era considerado "subúrbio" e "arredores" passa progressivamente a fazer parte da cidade propriamente dita. E nesse processo que regiões limítrofes, que originalmente não pertencem formalmente à cidade, são rapidamente incorporadas. Daí se falar, por exemplo — para citar apenas localidades em que Simmel morou —, Berlim-Charlottenburg, Berlim-Westend, e assim por diante. Em 1920, ela é a segunda maior cidade europeia em população, depois de Londres. Ao norte, sul e leste de Berlim surgem os bairros operários, enquanto os intelectuais e a burguesia colonizam progressivamente o lado oeste da cidade.

Mas a Grande Berlim é muito diferente de outras grandes cidades

⁵ Cf. Th. Haronker, "Zum Werk von E. Fuchs", in Eduard Fuchs, *Illustrierte Sittengeschichte*, Frankfurt/M., Fischer, 1988, vol. V, p. 12

⁶ R. Sennert, *O declínio do homem público*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 167.

europeias. Mais do que todas, ela é o modelo da cidade moderna. Diferentemente de Paris e Londres, não há partes antigas na cidade, não há bairros adormecidos no passado. Todas as construções antigas são derrubadas para dar lugar ao novo. E apesar das destruições serem uma constante na história da cidade, o período entre 1880 e 1910 foi um dos mais pródigos. Max Osborn escreveu em 1906 um livro intitulado *A destruição de Berlim*, no qual acusava: "Nós, nós mesmos somos os destruidores de Berlim".⁷ Para realizar o seu presente, a cidade ignora e rompe com o seu passado. Tudo é novo. Não há velhos habitantes; a maioria são imigrantes que chegam à cidade em um fluxo ininterrupto; grandes massas afluem, para acompanhar e promover o desenvolvimento.

"O que deixava Berlim parecer tão feia, aos olhos do observador culto, era sobretudo a franca modernidade da cidade. Mesmo um guia como o 'Baedeker' daqueles anos notava que a paisagem da cidade de Berlim sofria visualmente desse caráter: três quartos dos prédios seriam verdadeiramente modernos e isto conduziria a uma falta de interesse histórico. Em virtude do crescimento extraordinariamente rápido e muito tardio de Berlim, muitos observadores contemporâneos, como por exemplo Georg Hermann, acreditavam que Berlim estaria 'em processo, em alteração constante e não possui... ainda uma fisionomia'. Huard decretou a cidade como 'nova, limpa e sem caráter, absolutamente nova, nova demais, mais nova do que qualquer cidade americana, mais nova do que Chicago, a única cidade que pode ser comparada a Berlim no que diz respeito à velocidade assombrosa de seu desenvolvimento'.⁸ Curioso é o fato de Huard descrever a cidade como "sem caráter", tal como Simmel descreve o dinheiro: isto nos mostra como a relação, estabelecida por Simmel, era algo premente na época.

As causas do crescimento da cidade estão no desenvolvimento dos setores secundário e terciário. Berlim é não só uma metrópole industrial — a maior cidade industrial da Alemanha —, como também política, financeira e cultural. Na passagem do século XIX, é o maior fornecedor e produtor de bens do Reich. Berlim é semelhante à América: ela vive da e na sua atualidade; a própria cidade é de certo modo uma aventura (e mais ainda se pensarmos sua história no curso do século XX). Já então surge o

⁷ Citado por W. J. Siedler, "Die Tradition der Traditionslosigkeit", in *Pensussen. Beiträge zu einer politischen Kultur*, Hamburgo, Rowohlt, 1981, pp. 311-21, que discute mais amplamente a questão.

⁸ C. H. Haxthausen, "Eine neue Schönheit. Ernst Ludwig Kirschner's Berlinbilder", *op. cit.*, p. 73. As citações no interior da citação provêm de: Georg Hermann, "Um Berlin", in *Pan*, 22/8/1912, p. 1.101; Charles Huard, *Berlin comme je l'ai vu*, Paris, 1907. Deve-se lembrar que Georg Hermann (Georg Borchardt, 1871-1943) escreveu em 29/9/1918 um necrológico de Simmel na *Vossische Zeitung*.

“americanismo”, que dominará a época de Weimar. Berlim já é a (In)ferno da Europa⁹.

O período entre 1875 e 1914 foi um período de ouro no desenvolvimento da Alemanha (grande crescimento da renda nacional e *per capita*)¹⁰. O rápido pagamento das dívidas e reparos de guerra por parte da França trouxe muito dinheiro para Berlim nos anos 70¹⁰.

Contudo a cidade não possuía uma infra-estrutura que acompanhasse o crescimento populacional. Grande parte da população vivia em “Mietkasernen”, em apartamentos de um quarto e cozinha com banheiro comunal, sem gás para aquecimento, sem luz elétrica e contando apenas com água. A concentração habitacional é enorme. “Berlim est la cité, au monde, dont la densité de population est la plus dense: 77 habitants par parcelle, et même 110 à Moabit, le quartier ouvrier. (Par comparaison, il y a à Londres 7,9 habitants par parcelle; 38 à Paris, 20 à New York, 38 à Hambourg, 17 à Essen.)”¹¹. A miséria da população se mostrava na pobreza das habitações. “Berlim era, em vastas partes, uma cidade da miséria social.”¹² Paralelamente, a prostituição: ela anda de mãos dadas com a industrialização da cidade, e Berlim se tornou disso o exemplo extremo¹³. Na cidade grande, mais do que mercadoria, a prostituta se transforma em artigo de massa, para a massa. Ela é contemporânea da massa na cidade grande. Ela está por entre a cidade, nas ruas, já que em Berlim os bordéis são terminante e eficazmente proibidos¹⁴.

⁹ Berlim é a “Nova York europeia”, “a cidade mais rápida do mundo” como ficou conhecida em seus anos de ouro, a década de 1920. Ela é então a Metrópolis que inspira Fritz Lang (o filme foi realizado em Babelsberg, a cidade cinematográfica de Berlim), a cidade grande como máquina em que o dinheiro, as massas, as notícias, os automóveis circulam sem cessar. Ver G. Korff e R. Rürup (orgs.), *Berlin, Berlin. Bilder einer Ausstellung*, Berlim, Berliner Festspiele, 1988, *passim*, especialmente pp. 135-6.

¹⁰ Para a análise da conjuntura — pois, se em linhas gerais trata-se de uma época de grande desenvolvimento, a análise conjuntural mostra como a época se caracteriza por um revolvimento ininterrupto de momentos de crise e momentos de crescimento —, ver H. U. Wehler, *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*, vol. III, *op. cit.*, pp. 547 ss.

¹¹ P. Bertaux, *La vie quotidienne en Allemagne au temps de Guillaume II en 1900*, Paris, Hachette, 1962, p. 139. Ver em geral o cap. II, “La rue vers Berlin”, da parte II.

¹² M. Erbe, “Berlin im Kaiserreich (1871-1918)”, in W. Ribbe (org.), *Geschichte Berlins*, Munique, C. H. Beck, 1987, vol. II, p. 704. Grande parte destas informações provém do texto de Erbe.

¹³ Cf. o tópico “presente” e ainda: L. Abrams, “Prostitutes in Imperial Germany, 1870-1918: Working Girl or Social Outcast?”, *op. cit.*; R. Evans, “Prostitution, State, and Society in Imperial Germany”, in *Past and Present*, 70, 1976.

¹⁴ Cf. W. Benjamin, *Gesammelte Schriften*, *op. cit.*, vol. I.2, pp. 668, 686-8.

“Ville bourgeoise et aristocratique, ville de taudis et de villas, de quartiers misérables et de terrains boisés, ville à l'esprit militaire, mais aussi ville où il y règne sans doute la plus grande liberté de moeurs, ville aux visages multiples et ville sans âme: toutes ces contradictions caractérisent déjà la capitale allemande.”¹⁵ Como toda grande cidade, ela também soube promover o enriquecimento à custa da miséria, só que nela tudo ocorreu muito rapidamente. Com uma rapidez análoga, os socialistas conseguiram mobilizar as novas massas da cidade, a ponto de o Chanceler de Ferro precisar decretar as “Sozialengesetze” (1878-90): proibição dos sindicatos e imprensa operária, assim como do partido socialista. Só com o novo Kaiser as leis foram suprimidas. Mas já desde 1881 há uma retomada política social: aposentadoria, seguro de invalidez, delimitação da jornada de trabalho etc. são a grande realização de Bismark no plano da política interna.

Georg Simmel nasceu e viveu em Berlim até os 56 anos. De 1858 a 1914 ele morou ininterruptamente na capital prussiana. Nesse período, acompanhou as transformações da cidade, e esse processo de transformação foi um elemento central na configuração de sua teoria do moderno, filosofia da cultura e análise do presente, em suma, para a própria idéia de uma cultura filosófica. Sua teoria do moderno é o seu enfrentamento com a cidade em que vivia, suas próprias experiências formam o material que atica a sua reflexão e a tentativa de aprender conceitualmente as transformações que ocorrem¹⁶. O que é específico de Berlim serve como impulso e ponte para analisar o que é genérico. E é por isso que me parece ter sentido falar acerca de Georg Simmel e a Berlim do Segundo Império.

Um contemporâneo afirmou que em Simmel o espírito da época parece ter se encarnado como em nenhum outro a seu tempo. Isto já se deixaria antever no próprio local de nascimento do nosso Autor, a esquina de maior movimento no centro de Berlim¹⁷. E por encarnar o moderno na cidade grande de modo tão próprio é que Joel afirmou, embora em sentido figurado, que seus ouvintes e leitores não poderiam pertencer à cidade de peguena.

¹⁵ J. M. Palmier, *L'Expressionnisme et les arts*, Paris, Payot, 1988, vol. I, p. 28.

¹⁶ Dentre os textos consultados, baseie-me sobretudo em: M. Erbe, “Berlin im Kaiserreich (1871-1918)”, *op. cit.*; G. Lohmann, “La confrontation de Georg Simmel avec une métropole: Berlin”, in *Critique*, ago.-set. de 1991, t. XLVII, n.º 531-532, pp. 623-42.

¹⁷ Cf. K. Joel, “Erinnerungen an Simmel”, in K. Gassen e M. Landmann (orgs.), *Buch des Dankes an Georg Simmel*, *op. cit.*, p. 166. Extremamente sugestiva é a descrição e análise da questão por Theodor Lessing, em um capítulo dedicado a Simmel. Cf. T. Lessing, *Philosophie als Tat*, Göttingen, Otto Hapke, 1914, pp. 303-43.

Já nos antepassados de Simmel encontramos elementos importantes na caracterização da cidade grande e moderna. O pai de Simmel, Eduard Maria Simmel, mudou-se de Breslau para Berlim logo após se casar, em 1838. Essa migração rumo à então residência prussiana se inscreve em um processo muito mais amplo de transferência progressiva de novas massas para Berlim. Eduard Simmel, comerciante, foi um dos primeiros a introduzir em Berlim doces finos franceses, e parece ter tido muito sucesso. Ele se torna proprietário de um comércio de chocolates e cria uma marca que até hoje é vendida, com sucesso, por toda a Alemanha: "Felix und Sarruti". Em 1845, seu sucesso é coroado com a nomeação para fornecedor da corte imperial.

Ao desenvolver a idéia do estilo de vida moderno, como uma categoria capaz de configurar a sua teoria do moderno, Simmel aponta para o lugar histórico do moderno estilo de vida: a cidade grande. O maior problema da "vida moderna" está circunscrito no conflito entre indivíduo e sociedade, entre cultura interior e cultura exterior. Trata-se de uma configuração histórica do processo civilizatório, de diferenciação social, de identidade do eu. O que, para o "homem primitivo", foi a "luta com a natureza"¹⁸ visando à autoconservação, para o homem moderno é a tensão entre interior e exterior, individual e supra-individual.

No moderno "atua o mesmo motivo básico: a *resistência do sujeito* a ser nivelado e consumido em um mecanismo técnico-social" (p. 192, grifo meu). O sujeito só se deixa caracterizar por essa resistência frente a um exterior hostil (é por isso que ele se recolhe na interioridade). A questão que se coloca nas cidades grandes, o *locus par excellence* do moderno, é a da relação do individual com o supra-individual. Isto se concretiza e se mostra das mais variadas formas. Trata-se então de investigar, por assim dizer, o tipo de individualidade que a cidade grande e moderna estimula e constitui.

"O *fundamento psicológico, a partir do qual o tipo das individualidades da cidade grande se eleva, é a intensificação da vida nervosa, que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões internas e externas.*" (p. 192)

¹⁸ G. Simmel, "Die Großstädte und das Geistesleben" (1903), in *Das Individuum und die Freiheit*, op. cit., p. 192. O mesmo vale para o que foi citado imediatamente antes. A seguir, nas citações provenientes deste texto, indicarei apenas o número da página, entre parênteses. O texto sobre as cidades grandes foi a contribuição de Simmel para uma série de conferências que acompanhava, no inverno de 1902-1903, a primeira exposição sobre a cidade que ocorre na Alemanha, em Dresden. Ver Howard Woodward, "The First German Municipal Exposition (Dresden 1903)", in *The American Journal of Sociology*, vol. IX, 1904, pp. 433-58, 612-30, 812-31; vol. X, 1905, pp. 47-63.

É essa intensificação que faz com que o moderno seja nervoso, insatisfeito, nostálgico, ansioso, e por isso sempre em movimento. Quando Simmel destaca o tipo das individualidades da cidade grande, ele tem em vista a caracterização de um tipo social determinado, em função do conjunto de experiências a que está sujeito simplesmente pelo fato de viver numa cidade grande. Como já vimos, a velocidade da vida está relacionada com processos que ocorrem na consciência. A idéia desenvolvida na *Philosophie des Geldes* é mobilizada tendo em vista a caracterização da cidade grande, pois é nela que o sujeito se vê defronte de uma variedade incensurável e fugaz de imagens, que se apresentam ininterruptamente à sua consciência:

"Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas — à cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social —, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda frente à cidade pequena e à vida no campo, com o ritmo que corre mais uniformemente, mais lento e mais habitual de sua imagem sensível-espiritual de vida." (p. 193)

As condições psicológicas são condições subjetivas, que dizem respeito ao sujeito (muitas vezes, quando Simmel escreve "psicológico", pode-se entender "subjetivo"). Só na cidade as encontramos, a cada vez que saímos à rua, em meio à multidão. A cidade grande estimula enormemente o incremento da velocidade da vida, que anda de mãos dadas com a intensificação da vida nervosa. E sair à rua é, *nota bene*, deixar o interior. A oposição da cidade grande com o campo e a cidade pequena é a oposição entre o mais lento e o mais rápido, entre o mais habitual e o que não se torna nunca habitual, devido à mudança contínua. A oposição entre cidade grande e cidade pequena exprime que a diferença entre elas, ou melhor, o elemento que as diferencia, é de natureza quantitativa. Mas se trata de uma diferença quantitativa que se torna qualitativa. E, quando se fala em cidade grande, é preciso ter em vista que, na Alemanha, o elemento quantitativo é não só explícito como determinante, pois a denominação "cidade grande" é atribuída a toda cidade com mais de 100.000 habitantes, e só a elas.

Porém, mais do que tudo, o que caracteriza a cidade grande é sua relação com o dinheiro. "As cidades grandes são desde sempre o lugar da economia monetária" (p. 193). Esta é a articulação fundamental que Simmel expõe para tratar da cidade grande. É em relação com o dinheiro, e tudo o que o dinheiro exprime, que a sua análise por Simmel ganha

sentido¹⁹. Por isso, tudo o que Simmel elabora na *Philosophie des Geldes* como caracterização do dinheiro, ou que encontra no dinheiro o seu sentido, pode e deve ser articulado à cidade grande.

Como na Alemanha o processo de industrialização foi espantosamente rápido e os contrastes foram também muito mais fortes, a nova significação do dinheiro foi muito mais enfática. O dinheiro passou, em um espaço de tempo comparativamente muito mais curto, a ter uma significação que poucos anos antes era impensável. O rápido processo de industrialização na Alemanha significa um excepcionalmente rápido e penetrante processo de monetarização de todos os âmbitos da vida, que anteriormente não eram penetrados pelo dinheiro e sua lógica própria.

A conferência "As grandes cidades e a vida do espírito", como o título sugere, articula o exterior e o interior, o individual e o supra-individual. Nesse sentido, ela deve ser compreendida no interior da proposta de uma filosofia do dinheiro²⁰. Isto posto, o Leitor percebe facilmente que se trata, para Simmel, de desenvolver alguns pontos do livro de 1900 tendo em vista a cidade grande. Ou, em outros termos, trata-se de investigar o moderno estilo de vida, tal como ele se apresenta nela. Por exemplo, a relação entre o entendimento e o dinheiro, que impregna a vida na cidade grande. Esta possui um "caráter intelectualista" (p. 193), que sobressai especialmente em contraste com a cidade pequena, muito mais orientada em função do ânimo e das relações baseadas nos sentimentos, hábitos e costumes, pelas "camadas inconscientes da alma" (p. 193). O entendimento, por seu lado, é "a mais adaptável de nossas forças interiores" p. (193) e portanto é o mais adequado a uma situação em que tudo está em transformação e movimento contínuos, como na cidade grande:

"Assim o tipo do habitante da cidade grande [...] cria um órgão protetor contra o desmentamento com o qual as correntes e discrepâncias de seu meio exterior lhe ameaçam: ele reage não com o sentimento, mas com o entendimento [...]" (p. 193)

O racionalismo possui na cidade grande o seu lugar específico, próprio e adequado. O entendimento é "um preservativo da vida subjetiva

¹⁹ É por isso que Simmel afirma que "Die Großstädte und das Geistesleben" é uma variação da *Philosophie des Geldes*: "O conteúdo desta conferência, por sua própria natureza, não remonta a uma literatura própria. A fundamentação e apresentação de suas principais idéias histórico-culturais é dada pela minha *Philosophie des Geldes*". Cf. Simmel, "Die Großstädte und das Geistesleben", *op. cit.*, p. 204.

²⁰ Cf. G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, *op. cit.*, pp. 11-2, cf. o tópico "estilo de vida"; compreender como o dinheiro atua sobre a vida e como a vida atua sobre o dinheiro.

dante da violentação da cidade grande" (p. 193). A intensidade e velocidade das imagens e dos impulsos é tão grande, que sem um mecanismo de defesa o indivíduo está ameaçado a como que se desintegrar. A objetividade no tratamento das coisas e dos homens que o entendimento propicia é *adequada* a um mundo no qual prevalece a lógica do dinheiro. Isto explica também o contraste com a cidade pequena e com o campo, em que a penetração de uma economia monetária não é, nem de longe, comparável a cidade grande, e em que há reduções nos quais a lógica do dinheiro não penetrou ainda (estamos na Alemanha do Segundo Império). A objetividade do entendimento e do dinheiro deixa as qualidades individuais de lado, submersas na indiferença, em contraposição a subjetividade e sentimento, que preservam cuidadosamente a diferença e individualidade. O dinheiro e o entendimento nivelam tanto as mercadorias nas lojas como os indivíduos na massa, que só existe na cidade grande.

Em meio à massa, já não interessa mais quem compra, entrega, faz, vende. A massa é a garantia da liberdade de ir e vir, fazer e ver: o indivíduo permanece incógnito.

"A massa é formada quando vários indivíduos unificam fragmentos de suas personalidades, impulsos, interesses e forças parciais — ao passo que aquilo que cada personalidade é enquanto tal permanece para além desse plano de nivelamento e não penetra na massa [...]"²¹

Ao imergir na massa, o indivíduo preserva para si áreas inteiras de sua personalidade; só um pequeno fragmento dela é nivelado. A contrapartida do nivelamento é a possibilidade de resguardar um espaço interior absolutamente individual: o indivíduo "reserva" uma "parte essencial de sua personalidade como propriedade privada"²². Isto é, enquanto *propriedade privada*, o indivíduo tem controle sobre o que ele externaliza e com quem ele quer reparar o uso desse espaço interior²³. Há aqui, decerto, uma racionalização considerável, pois o espaço da subjetividade é racionalmente delimitado e, portanto, controlado (poder-se-ia pensar

²¹ G. Simmel, *Soziologie*, *op. cit.*, p. 180.

²² G. Simmel, *Soziologie*, *op. cit.*, p. 184; também *Grundfragen der Soziologie*, *op. cit.*, p. 34. Neste contexto tem especial interesse H. Arendt, *A condição humana*, Rio de Janeiro/São Paulo, Forense/Edusp, 1981, pp. 48-9.

²³ G. Simmel, na *Philosophie des Geldes*, chama-nos a atenção para as relações existentes entre a propriedade privada, a difusão da economia monetária e a formação da "liberdade individual". Cf. G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, *op. cit.*, pp. 47-5 ss. Sobre a "liberdade individual", veja-se "individualismo", mais à frente.

em uma transposição da sociologia do espaço simmeliana para o espaço interior²⁴).

Na cidade grande tudo é feito por desconhecidos e para desconhecidos. Isto torna a objetividade das transações muito mais fácil, sem as interfeências que as relações pessoais, baseadas no conhecimento e portanto no ânimo e sentimento, trazem consigo. Simmel vê o dinheiro e o entendimento, na cidade grande,

“em uma interação tão estrita, que ninguém saberia dizer se aquela constituição intelectualística e animica impeliu inicialmente à economia monetária, ou se esta foi o fator determinante para aquela.” (p. 194)

Aqui Simmel recorre, como de costume, à idéia de interação, com suas circularidade e infinitude características, e que remete à atitude relativista de nosso autor. Em um mundo de relações, não é possível estabelecer univocamente uma relação causal definitiva, pois se trata sempre de efeitos mútuos e múltiplos. “Seguro é apenas o fato de que a forma de vida na cidade grande é o solo mais rico para esta interação” (p. 194). Isto nos mostra, então, como o conceito simmeliano de interação, com seu caráter *funcional*, como o domínio da economia monetária e como o racionalismo são fenômenos *modernos*, que têm lugar na cidade grande.

Ligado a isto estão ainda as idéias de calculabilidade e contabilidade de que impregnaram a vida na cidade grande. Tudo precisa ser calculável, e com exatidão; assim como o dinheiro exprime todos os valores das coisas, todos os valores qualitativos precisam encontrar sua quantificação.

“Mas são as condições da cidade grande que são tanto causa como efeito desse traço essencial. As relações e questões do habitante típico da cidade grande costumam ser tão variadas e complicadas, e sobretudo com a acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam-se em um organismo tão complexo, que sem a pontualidade mais exata nas promessas e realizações o todo se esfacelaria em um caos inextricável.” (p. 195)

Uma organização racional não só do tempo, mas também do espaço, é fundamental para que a vida na cidade grande possa fluir²⁵. Ela re-

²⁴ Tanto o texto sobre as cidades grandes como a sociologia do espaço foram publicados em 1903.

²⁵ Simmel fornece exemplos da necessidade irreduzível de organização do tempo na cidade grande, mediante o uso dos relógios regulados igualmente (cf. G. Simmel, “Die

quer uma “técnica” própria, esquemas supra-individuais que organizam a variedade e multiplicidade em contínuo movimento. O estilo de vida moderno, que tem lugar na cidade grande, requer essa técnica, que envolve objetividade, exatidão, calculabilidade, pontualidade, praticidade (lembre-se da *estilização dos comportamentos*). Sua contrapartida é que “aqueles traços essenciais e impulsos soberanos, intuitivos e irracionais” (p. 195) são soterrados e impedidos de se manifestarem. Se assim, por um lado, o estilo de vida da cidade grande propicia e promove a impessoalidade, ela dá também lugar a mecanismos de individualização, fazendo justiça ao papel duplo do dinheiro e à ambigüidade que caracteriza o moderno. O papel que o dinheiro desempenha em toda esta trama é a “função do dinheiro para o estilo de vida”²⁶.

“E precisamente a variedade daquilo que o rosto pode revelar que o torna freqüentemente tão enigmático; em geral aquilo que nós vemos em um homem é interpretado por aquilo que nós ouvimos dele, enquanto o inverso é muito mais raro. Por isso aquele que vê sem ouvir [o surdo, LW] é muito mais confuso, perbelexo e inquieto do que aquele que ouve sem ver [o cego, LW]. Há aqui um momento significativo para a sociologia da cidade grande. Nesta o tração, em comparação com a cidade pequena, exige uma preponderância enorme do ver outras pessoas sobre o ouvir. E na verdade não só porque na cidade pequena os encontros na rua ocorrem numa cota relativamente grande com conhecidos, com quem se troca uma palavra ou cujo aspecto reproduz para nós toda a personalidade, e não só a visível — mas sim sobretudo pelos meios públicos de transporte. Antes da criação dos ônibus, trens e bondas no século XIX, os homens não estavam absolutamente em condições de poder ou precisar se contemplar mutuamente por muitos ou mesmo horas sem falar entre si. O tráfego moderno limita cada vez mais as relações sensíveis entre os homens, no que diz respeito à parte preponderante de todas essas relações, à mera percepção do aspecto, e com isso ele precisa situar os sentimentos sociológicos gerais sob pressuposições completamente alteradas. O caráter mais enigmático do homem que só

Großstraße und das Geistesleben”, *op. cit.*, p. 195), e do espaço, mediante, por exemplo, a numeração das casas nas ruas (cf. G. Simmel, *Soziologie*, *op. cit.*, cap. 9).

²⁶ G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, *op. cit.*, p. 665, grifo meu. E não nos esqueçamos de que função, em Simmel, tem a ver com as relações que se estabelecem (cf. o tópico “pantismo estético”).

é visto em comparação com o que só é ouvido (como foi mencionado acima), em virtude do deslocamento mencionado, contribui seguramente para o problema do sentimento moderno da vida, para o sentimento de desorientação na vida como um todo, para o sentimento de isolamento e para que as pessoas estejam rodadas de todos os lados por portas fechadas."²⁷

As condições de vida na cidade grande e moderna criam condições e necessidades específicas de sensibilidade e comportamento. Simmel destacou a influência que as modernas condições de vida deveriam exercer sobre a própria consciência dos homens: "A consciência permanentemente sobre uma certa periculosidade [em função do tráfego crescente, LW] deve produzir uma alteração na constituição psíquica dos homens."²⁸ Em todos estes pontos nos deparamos com uma plêiade de comportamentos estilizados. Não há dúvida de que essa sociologia da cidade grande, de que fala Simmel, é o fruto de suas próprias experiências em Berlim — e também em outras cidades grandes, que ele visitava recorrentemente em uma vida cheia de viagens.²⁹

Berlim se destacou em vários aspectos do planejamento urbano e de tráfego. Desenvolveu uma rede ferroviária ampla em que os trens urbanos (Stadtbahn) cruzam a cidade de leste a oeste: um elevado de 12 km, concluído em 1882, corta a cidade do Schlesisches Bahnhof até Charlottenburg. Em 1846 criam-se linhas de ônibus puxados por cavalos; em 1865 linhas de bonde puxados por cavalos; em 1902 circula o último bonde movido a tração animal, todas as linhas já são mecânicas (a vapor) e no mesmo ano inicia-se a eletrificação, que só se completará nos anos 30. A

²⁷ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., p. 727.

²⁸ *Apud* M. Landmann, "Arthur Steins Erinnerungen an Georg Simmel", in H. Böhninger e K. Gröndler (orgs.), *Ästhetik und Soziologie im die Jahrhundertwende: Georg Simmel*, op. cit., p. 274.

²⁹ O mais das vezes a obra de Simmel está ligada de modo muito estreito com experiências pessoais, que servem de ponto de partida para sua reflexão. Quem ler a passagem na *Soziologie* em que Simmel analisa a posição da empregada doméstica pode notar claramente como ele parece estar se referindo a experiências vividas em sua própria casa (cf. G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., pp. 262 ss.). Outro exemplo, distinto: a greve nas cervejarias berlineses em 1894 e o conflito entre os trabalhadores e os empresários ocorre com uma objetividade tamanha, que chama a atenção do nosso autor para o grau de objetividade que os conflitos sociais assumem a seu tempo. Nenhum dos lados age impulsivamente, não há cólera ou raiva, senão que o entendimento, aquela arma poderosíssima na resolução de conflitos, parece ser o único a moldar a situação (cf. G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., pp. 309 ss.).

partir de 1885 uma usina elétrica fornece electricidade para a cidade e desde então inicia-se a eletrificação e iluminação. Já em 1879 Werner Siemens demonstra seu projeto para eletrificação da rede de transportes, que revolucionará o transporte urbano em Berlim a partir da criação do U-Bahn (metrô). Em 1900 é criado o primeiro trecho eletrificado experimental. Até 1914 o metrô já tem concluídas seis linhas, totalizando 38 km. Em 1899 aparece o primeiro táxi motorizado. Desde 1892 passam a circular os primeiros automóveis pela cidade e a polícia é equipada com apitos para regular o trânsito. No cruzamento Friedrichstraße com Unten den Linden, um guarda ficava constantemente coordenando o movimento. Desde então torna-se cada vez mais forte a idéia do planejamento urbano, em virtude do grande crescimento da cidade e das dificuldades nos transportes, moradia, trabalho e infra-estrutura.

As condições de vida na cidade grande e moderna criam condições e necessidades específicas de sensibilidade e comportamento. Os modernos vêem muitas imagens, são bombardeados, ao colocarem os pés para fora de casa, com o fluxo enorme das imagens (cabrerá à televisão trazê-las para o interior). Mas a sua capacidade de atribuir sentido a elas não acompanha a velocidade com que se apresentam à consciência. O modo de experiência da realidade que está então em jogo é radicalmente diferente. Quando um contemporâneo — ou o próprio Simmel³⁰ — desce ao submundo do metrô berlinense e, algum tempo depois, retorna à superfície, ele se vê defronte de um outro espaço, diverso daquele que deixou sobe e desce, ao seu bel-prazer, e a cidade o acompanha, se distendendo e se contraindo. E não se trata apenas do metrô, mas dos modernos meios de transporte em geral: tempo e espaço se industrializam³¹. Trata-se de um novo mundo de imagens. Por isso os modernos as deixam fluir, como se não tomassem conhecimento delas. É isto que ocorre no interior dos meios de transporte públicos. O indivíduo se vê em uma situação de proximidade enorme e relativamente demorada frente a outros, mas são tantos, e a cada vez variáveis, que lhe é impossível manter contato com eles. Eles permanecem estranhos: algo distante que está próximo³². E a cidade grande transforma o contato com o estranho na experiência mais corriqueira. Cada passageiro está preocupado com os seus negócios, com a sua

³⁰ Cf. H. Simmel, "Auszüge aus den Lebenserinnerungen", op. cit., p. 259.

³¹ Ver W. Schivelbusch, *Geschichte der Eisenbahnreise. Zur Industrialisierung von Raum und Zeit im 19. Jahrhundert*, op. cit.

³² Cf. G. Simmel, "Exkurs über den Fremde", op. cit.

vida. Cada um deles se volta para o seu mundo interior, enquanto o exterior corre freneticamente.

Disto também decorre a solidão. Ela ganha, na cidade grande e moderna, novos contornos.

“[...] o conhecido fato psicológico de que o sentimento de solidão, ao estarmos realmente só fisicamente, raramente surge de modo tão decisivo e penetrante como quando nos sentimos estranhos e sem relações em meio a muitos homens que estão fisicamente muito próximos — como em um grupo social, no trem, na grande multidão na rua.”³³

A cidade proporciona, portanto, um novo tipo de solidão, muito mais intensa, e que não existia anteriormente — na cidade pequena conhecemos as pessoas, elas não nos são estranhas. Os modernos são indiferentes. Neles opera aquele “princípio da indiferença” (cf. o tópico “estilo de vida”). Ele apaga os traços pessoais; estamos sempre envolvidos em uma multidão que é anônima, composta de anônimos. “[...] anônimo[s] e acobertado[s] pela totalidade, até mesmo ocult[o]s.”³⁴

Em meio à multidão na cidade grande cresce a “distância da unidade social em relação aos elementos que a formam”, e o indivíduo “se esconde por detrás do grupo”³⁵. O anonimato e a impessoalização são a contrapartida de uma objetividade característica do moderno. Simmel detecta isto no registro da estilização dos comportamentos e das formas de domínio: a empresa moderna, assim como a fábrica e as grandes lojas, caracteriza-se por uma “técnica impessoal de administração” em que os empregados possuem uma mobilidade relativa mais ampla do que na pequena loja, onde se está sempre sob o controle direto do patrão. Além disso, a grande empresa moderna cria uma categoria social absolutamente nova e característica: o empregado (Angestellte)³⁶. A ideia da “sociedade anô-

³³ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., p. 96-7.

³⁴ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., p. 113, os plurais foram acrescentados por mim.

³⁵ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., pp. 113-4.

³⁶ Esta nova categoria social, do empregado da indústria e comércio nas cidades grandes, será investigada por um aluno de Simmel: cf. S. Kracauer, *Die Angestellten. Aus dem neuesten Deutschland*, 6ª edição, Frankfurt/M, Suhrkamp, 1993. O livro de Kracauer foi publicado em 1930, pouco mais de onze anos após a morte de Simmel. A categoria que ele procura delimitar é uma categoria nova, mas que Simmel já percebeu a seu tempo. No “Prefácio” de seu livro Kracauer afirma: “O material ilustrativo do trabalho foi recolhido em Berlin, porque Berlin, à diferença de todas as outras cidades e paisagens alemãs, é o lugar em que a situação dos empregados se constitui de modo

moderno” é precisamente característica do tipo de empreendimento moderno, dominado pela impessoalidade e objetividade. Por outro lado, enquanto o empregado estava em contato direto com o patrão, na pequena loja, podia usufruir, em determinadas condições, das relações pessoais que acabam por ser estabelecidas. Já na empresa moderna as regras são fixas, e o cumprimento delas põe em ação um mecanismo diante do qual as relações pessoais não fazem nenhum sentido³⁷. É também em função da ausência de caráter e de cor do dinheiro e do intelectualismo que cresce nas modernas cidades o número de profissões com caráter fluido, tais como agentes, comissionados, mediadores de negócios, corretores etc., que aproveitam as inúmeras chances casuais de receber algum dinheiro e, com isso, viver. Simmel percebe o fato, que ainda hoje nos surpreende cotidianamente, de que as pessoas descobrem os mais variados tipos de trabalho e atividade com as quais possam receber algum dinheiro. Esses indivíduos caracterizam-se, além de tudo, por sua mobilidade, maleabilidade, presteza³⁸.

Em função do dinheiro e da difusão de uma economia monetária e devido à objetividade e à despersonalização das relações promovidas pelo dinheiro origina-se

“uma barreira interior entre os homens, que torna possível contudo a forma de vida moderna. Pois a aglomeração e a confusão do movimento das cidades grandes seria simplesmente intolerável sem aquele distanciamento psicológico. Que alguém se veja cercado por um número tão grande de homens, como a cultura moderna atual promove, com seu movimento comercial, profissional e social, seria completamente desesperador para o homem moderno, sensível e nervoso, caso aquela objetividade do caráter do movimento não trouxesse consigo um limite e uma reserva interiores. A monetarização das relações — explícita ou travestida de mil formas — cria uma distância funcional, invisível, entre os homens, que é uma proteção interior e uma compensação diante da proximidade ameaçadora e dos arautos de nossa vida cultural.”³⁹

mais extremo” (p. 7). O que separa Simmel de Kracauer são os anos da guerra e do pós-guerra, a inflação.

³⁷ Veja-se G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., pp. 202-3, 245.

³⁸ Cf. G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 596. Veja-se também o exemplo do “Quatorzième”, in G. Simmel, “Die Großstädte und das Geistesleben”, op. cit., p. 201.

³⁹ G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 664-5. Não há como não se lembrar de “O homem na multidão” de Poe. Segundo W. Benjamin, “Aqui [Berlin, I.W.] e

O dinheiro cria condições para a vida na cidade grande, não apenas condições objetivas, mas também condições subjetivas, como o distanciamento, “psicológico” e “funcional” (tal distância funcional é algo pessoal, relacional; cf. o tópico “parietismo estético”). Por outro lado, a vida da cidade grande cria condições para a vida do dinheiro. Essa via de mão dupla, circularidade da interação, está na base da análise do moderno. O dinheiro opera uma concentração, ele chama tudo para si, possui uma “força centrípeta”⁴⁰ que, como um imã, atrai tudo e todos ao seu redor. “Na medida em que a economia de um país é levada cada vez mais ao dinheiro, a concentração de suas ações financeiras dirige-se aos grandes pontos de cruzamento da circulação do dinheiro. A cidade foi, desde sempre, à diferença do campo, o lugar da economia monetária. Esta relação se repete entre as cidades pequenas e grandes [...]”⁴¹. O dinheiro possui essa tendência imanente à centralização, e mesmo no interior da cidade ele se aglomera: nas bolsas, nos bancos, nos mercados. A cidade grande, como ponto de concentração do dinheiro, é também o ponto de maior implementação da divisão do trabalho, da especialização, da criação de novas necessidades e refinamentos, da luta dos homens entre si pela sobrevivência. A cidade, grande e moderna, é o campo de batalha, de prova e de experimentos da moderna individualidade.

A “intensificação da vida nervosa” é a contrapartida da fraqueza dos nervos: o habitante da cidade grande é “cada vez mais sensível aos choques, confusões e desordens que nos atingem da proximidade e do contato mais imediatos com homens e coisas”⁴². Ele se distancia como medida de precaução diante dos choques, que na vida moderna são cada vez mais frequentes, são na verdade ininterruptos. Ou melhor: a vida na cidade grande é a superposição contínua de choques. Daí o “medo de ser tocado”, e para não ser tocado o moderno se recolhe no interior: seja na sua subjetividade, seja dentro de casa.⁴³ Um historiador da época anotou o fenômeno: “A vida

não em Paris, se compreende como o *flanear* pode se distanciar do passador filosófico e pôde receber os traços do lobsomen, irrequieto e errante em meio ao deserto social, que Poe fixou para sempre no seu ‘Homem na multidão’”. W. Benjamin, *Gesammelte Schriften*, op. cit., vol. III, p. 198. Na verdade parece-me que, mais do que Berlin, a afirmação se aplicaria a Londres, que de resto é o local onde se desenrola a narrativa de Poe. Mas que Benjamin a “situe” em Berlin é significativo para a caracterização da capital do Reich.

⁴⁰ G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 704.

⁴¹ G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 705.

⁴² G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 660, já citado em “estilo de vida”.

⁴³ Cf. G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 675, citado em “estilo de vida”.

moderna é [...] especialmente antiestética [unästhetisch], ao levar a perturbações contínuas da concentração espiritual. A pressa infundável, o apuro da locomotiva, a campainha do bonde, a inundação permanente por coisas através do correio, o impertinente serviço de notícias dos jornais, o número crescente de contatos [físicos, LW] pessoais pela facilidade cada vez maior do transporte público, tudo isto e muito mais estimula sobretudo o desejo de escapar da escravidão do momento: o desejo de tranquilidade no gozo espiritual, de um calmo mergulho em uma existência cujos momentos solenos não precisam ser perturbados pela brutalidade da luta pela existência, cuja soma possa ser dedicada ao livre voo da imaginação.”⁴⁴

Relacionada a essa sensibilidade nova do habitante da cidade grande está um elemento que Simmel julga especialmente característico do homem moderno: o caráter blasé.

“Talvez não haja nenhum fenômeno anímico que seja tão específico à cidade grande como o caráter blasé. Ele é inicialmente a consequência daqueles estímulos nervosos — que se alteram rapidamente e que se condensam em seus antagonismos — a partir dos quais nos parece nascer também a intensificação da intelectualidade na cidade grande. Justamente por isso homens tolos e de antemão espiritualmente sem vida não costumam ser blasés. Assim como uma vida desmedida de prazeres torna blasé, porque excita os nervos por muito tempo em suas reações mais fortes, até que por fim eles não possuem mais nenhuma reação, também as impressões inofensivas, mediante a rapidez e antagonismo de sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá para cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de remir nouvas forças. A incapacidade, que se origina assim, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter blasé [...]” (p. 196)

⁴⁴ K. Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, volume complementar: Zur jüngsten deutschen Vergangenheit, vol. I, Berlin, 1902, p. 184 apud S. Hübner-Funk, “Ästhetizismus und Soziologie bei Georg Simmel”, op. cit., p. 48. “Se alguém pode ser visto como um representante típico da época designada por Karl Lamprecht como época da sensibilidade [Reizsankeit], então o nome de Simmel pode ser nomeado em primeiro lugar.” W. Weisbach, “Erinnerung an Simmel”, in K. Gassen e M. Landmann (org.), *Buch des Dankes an Georg Simmel*, op. cit., p. 204. Sobre Lamprecht ver F. K. Ringer, *Die Gelehrten. Der Niedergang der deutschen Mandarine 1890-1933*, op. cit., pp. 270-2, 305.

⁶ Simmel, em seu texto sobre a exposição industrial em Berlin (ver mais à frente), cita um volume anterior desta obra de Lamprecht.

O *blasé* é insensível. Assim como o dinheiro, ele não liga para as pequenas diferenças e distinções, para as qualidades individuais (ele é o contrário de Simmel). *Blasé*: fadigado, indiferente, insensível, saturado, lasso. É isso que caracteriza o habitante da cidade, grande e moderna. A quantidade de estímulos com que ele se vê defrontado ao viver na cidade exige-lhe tanto, que ele não é mais capaz de responder adequadamente a eles. Sua indiferença é análoga à do dinheiro:

“A esta fonte fisiológica do caráter blasé na cidade grande se une a outra, que flui na economia monetária. A essência do caráter blasé é a ausência de reação diante das diferenças das coisas, não no sentido de que elas não são percebidas (como pelo estúpido), mas sim de tal modo que o significado e o valor da diferença das coisas, e com isso as próprias coisas, são sentidos como nulos. Elas aparecem para o blasé numa tonalidade consistentemente parda e opaca, e nenhuma merece ser preferida diante das outras. Esta disposição da alma é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa [...]” (p. 196)

Esta afinidade entre o caráter *blasé* do habitante da cidade e o dinheiro, ou melhor, esta interação, encontra sua realização mais perfeita na cidade grande e moderna.

É interessante destacar que, ao caracterizar esta última, Simmel refere-se explicitamente a Berlim como exemplo. Embora se trate de uma referência pronunciada em Dresden, e portanto Simmel pudesse nomear a própria cidade como exemplo, ou, caso não o fizesse, pudesse ter nomeado qualquer outra cidade grande moderna, Simmel escolheu como exemplo precisamente Berlim. Isto é um índice da medida em que sua análise é devedora de sua própria experiência individual, de sua própria vida na cidade grande. Os fenômenos que Simmel descreve e analisa são em grande medida fenômenos que ele experimenta⁴⁵.

⁴⁵ A experiência da cidade grande é a experiência mais completa, ampla e fundamental do moderno. Ela se exprime, por isso mesmo, nas formas as mais variadas: em Baudelaire, em Poe, em Dostoiévski (para nomear apenas alguns numa multidão), assim como em Simmel. Em cada um, a cidade grande é um motivo fundamental e uma experiência única, em que o moderno se exprime. O mundo que Baudelaire tematiza é o mesmo que Simmel, em que o moderno se exprime. O mundo que Baudelaire tematiza é equivalente às de Simmel na Berlim do *Zweite Kaiserreich* — assim como Poe em Nova York/Londres, Dostoiévski em São Petersburgo etc. Um conhecido projeto de W. Benjamin é a idéia da Paris como capital do século XIX. Mais do que tudo, é Baudelaire quem condensa em si a variedade de tudo o que seria desenvolvido no livro das passagens. “Paris, capital do século XIX” é uma proto-história do moderno. Benjamin só pôde

Do mesmo modo como a cidade é o centro da circulação do dinheiro, ela é lugar propício para o *blasé*. A cidade é um local de concentração: de dinheiro, das coisas que são compradas e vendidas, e das pessoas que compram e vendem. Como na cidade grande a concentração é muito grande, exige-se do indivíduo o máximo de seus nervos. O caráter *blasé*, a diferença diante de tudo e todos, reverte em uma desvalorização de tudo e todos, e por fim no sentimento de depreciação da própria individualidade. Viver na cidade grande supõe sempre estratégias de sobrevivência em meio à concentração — estratégias que são, o mais das vezes, comportamentos estilizados.

“Ao passo que o sujeito se ajusta a esta forma de existência, sua autoconservação perante a cidade grande lhe exige um comportamento não menos negativo de natureza social. A postura espiritual dos habitantes da cidade grande entre si poderia ser designada, do ponto de vista formal, como a reserva. Se o contato exterior continua com inúmeros homens deuses produzindo outras tantas reações — como na cidade pequena, em que se conhece quase todos que se encontra e se possui uma relação positiva com cada um —, então as pessoas se atomizam internamente por completo e caíram em uma constituição anímica completamente inconcebível. Por um lado esta situação

perceber essa “Urgeschichte der Moderne” porque ele viveu a experiência da capital do século XX: na Berlim dos anos 20. (Vários autores abordaram a idéia da Berlim dos anos 20 como a efêmera capital do século XX. No nosso contexto, interessa-nos um dos pioneiros, senão mesmo o pioneiro: o aluno de Simmel Ernst Bloch. Cf. Bloch, *Erbschaft dieser Zeit*. Frankfurt/NI, Suhrkamp, 1985.) É com base em sua experiência berlinese nos anos 20 do século XX que ele busca a “Urgeschichte”, e ela está não na Berlim de 1900 de Simmel (graças a esse movimento, Benjamin pôde reservar a Berlim de 1900 para um outro momento: “Infância berlinese por volta de 1900”), mas na Paris de Baudelaire (assim como não está em São Petersburgo, em Londres ou em Nova York). Contudo, no complexo das passagens, Simmel é um personagem importante, embora oculto. Pois ele foi capaz de perceber a mesma “proto-história do moderno”, que Baudelaire exprimitu na Paris dos anos 1860, na Berlim de 1900. É isto que explica a proximidade de Simmel com Baudelaire. Sintomaticamente, essa proximidade só fez fortuna quando visa retrospectivamente através das lentes benjaminianas (Cf. os variados trabalhos de D. Frisby, e tudo o que daí advém, que advém, de resto, do modo que é o Baudelaire de Benjamin). Mais importante, me parece, é demarcar a *relativa* contemporaneidade de Paris e Berlim em seus segundos impérios. O meio século da diferença cronológica é o “atraso” alemão, a “verspätete Nation”. Ao mesmo tempo, esse meio século é um período de industrialização e desenvolvimento tecnológico que não pode ser negligenciado. Por isso, em tudo o que diz respeito ao aparato tecnológico — e suas repercussões infundáveis na vida interior e exterior —, a Berlim de Simmel é muito mais próxima do moderno do que a Paris de Baudelaire (objeto da proto-história do moderno).

psicológica, por outro o direito à desconfiança que possuímos perante os elementos (que tocamos em um contato fluido) da vida na cidade grande, obrigam-nos àquela reserva em virtude da qual passamos os anos sem nem sequer conhecer nossos vizinhos e que freqüentemente nos faz parecer frios e sem sentimentos aos habitantes das cidades pequenas.” (p. 197)

A reserva do habitante da cidade grande é uma espécie de transposição, no âmbito do comportamento cotidiano e padronizado, da indiferença. Por isso disse anteriormente que o estilo de vida moderno está relacionado com a estilização dos comportamentos⁴⁶. A reserva é um deles⁴⁷. Pois do mesmo modo como não conheço o vizinho, ele não me conhece, e ambos não esperamos que seja diferente. A estilização é profunda e acaba por se tornar como uma segunda natureza. Pois se trata de nada menos do que da autoconservação em um meio hostil, no qual as qualidades só têm validade se quantificáveis. E é a quantidade que demarca a diferença frente ao habitante da cidade pequena. Este não precisa se perder em meio a uma quantidade sem fim de relações, sua estrutura anímica só precisa responder a um número limitado de estímulos, e por isso ele pode responder a praticamente todos eles. Já ao habitante da cidade grande é impossível responder, a não ser a uma parcela muito pequena e selecionada deles, e frente ao resto ele é indiferente, vale dizer, reservado⁴⁸.

Na verdade, a indiferença recobre um espectro mais amplo de sentimentos, que passa pela reserva, aversão, estranheza, antipatia etc. Um amplo matriz forma de fato essa estilização dos comportamentos, enquanto estratégias de vida, enquanto “conformações da vida na cidade grande: o que aparece imediatamente como dissociação é na realidade apenas uma de suas formas elementares de socialização” (p. 198)⁴⁹. Foi por isso que mencionei anteriormente o fato de que o dinheiro socializa os homens

⁴⁶ Exatamente isto foi abordado por H. Arendt sob um viés mais propriamente político: “o comportamento substituiu a ação como principal forma de relação humana”. Ver H. Arendt, *A condição humana*, op. cit., p. 50-1.

⁴⁷ A reserva é um fenômeno que ganha força com o incremento do tamanho do grupo. Quando só há duas pessoas, ela é restrita, mas com a chegada do terceiro elemento ela cresce. Cf. G. Simmel, *Sociologie*, op. cit., cap. 2, especialmente p. 115.

⁴⁸ Este contraste é aparentado àquela, apontado no tópico “dinheiro”, entre a dependência e liberdade frente aos fornecedores. Cf. ainda G. Simmel, *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 396.

⁴⁹ Isto foi repetido, *ipsis literis*, na *Sociologie* de 1908, marcando assim os nexos que articulam os textos do complexo da filosofia do dinheiro com os textos do complexo da *Sociologie*. Cf. G. Simmel, *Sociologie*, op. cit., pp. 290-1.

estranhos: por um lado ele é uma instância que promove distância, por outro lado ele promove a indiferença⁵⁰. Além disso, esse amplo leque de sentimentos ligados à indiferença característica do habitante da cidade grande são formas latentes de conflito, que é uma das principais formas de socialização investigadas na sociologia simmeliana⁵¹.

Assinalei anteriormente que o dinheiro propicia o esquecimento. Simmel, na sociologia dos sentidos, chama a atenção para o fato de que a nossa capacidade de rememoração⁵² é muito maior para o que é ouvido do que para o que é visto. Se, por outro lado, Simmel afirma que na cidade grande vemos muito e ouvimos pouco, podemos perceber como a cidade grande é o lugar do esquecimento. E se a cidade grande é ainda o lugar do moderno, pode-se perceber como o moderno é um tempo e um espaço de esquecimento⁵³.

A decorrência disso é que o moderno vive apenas e sobretudo o presente, ele é um aventureiro⁵⁴. A aceleração da velocidade da vida na cidade grande é tamanha, que o moderno não tem tempo para parar; tudo

⁵⁰ E, vale a pena notar, se esta estilização dos comportamentos é uma forma de socialização, ela é um objeto privilegiado da sociologia em sentido estrito, a quem cabe justamente investigar as formas de socialização. Isto torna a cidade grande um tema sociológico fundamental para Simmel, embora ela seja tratada no complexo da filosofia do dinheiro. Isto só acentua o fato de que as demarcações disciplinares, em Simmel, trazem o mais das vezes mais perdas do que ganhos. As cidades grandes, e em especial as metrópoles cosmopolitas, são a *simmeliana* do moderno. Tudo o que vimos no que precede conflui de certo modo na análise simmeliana da cidade grande, em um texto que se tornou um clássico da sociologia devido à sua recepção pela Escola de Chicago (Small foi colega e Park aluno de Simmel na Universidade de Berlim). Mas o que o tornou célebre e acessível em inúmeras coletâneas e manuais de sociologia foi justamente a sua perda, pois então o que é o ponto de confluência da filosofia da cultura, do diagnóstico do presente e da teoria do moderno é reduzido à “sociologia urbana”, “antropológico do presente e da teoria do moderno é reduzido à “sociologia urbana”, “antropológico do presente e da teoria do moderno é reduzido à “sociologia urbana”, que faz parte do complexo da filosofia do dinheiro, só tem sentido sobre o pano de fundo que tentei indicar anteriormente, e que o próprio Simmel, como foi mostrado, fez questão de tornar explícito.

⁵¹ G. Simmel, *Sociologie*, op. cit., pp. 284-382.

⁵² G. Simmel, *Sociologie*, op. cit., p. 728.

⁵³ A capacidade de rememoração está relacionada com a oralidade, com ouvir e falar. Se no moderno se ouve menos, há nisso uma perda da experiência. É exatamente neste ponto que seu aluno Benjamin vai retomar suas indicações. Cf. W. Benjamin, *Gesammelte Schriften*, op. cit., vol. II.1, pp. 213-9; vol. II.2, pp. 438-65. Lembre-se também o que foi apontado acerca da narrativa no tópico “ensaio”.

⁵⁴ O “aventureiro” de Simmel parece ser a figura análoga ao “flâneur” de Baudelaire.

transcorrer tão rapidamente que ele só pode viver aquele momento, e o que passou está perdido. O moderno é indiferente ao passado e ao futuro.

O outro lado dessa estilização dos comportamentos é que “[...] ele garante ao indivíduo um tipo e uma medida de liberdade pessoal” (p. 198). Pois é preciso investigar o “desenvolvimento da individualidade no interior da vida na cidade”. (p. 199) Isto supõe, decerto, a retomada da teoria da diferenciação social simmeliana, a análise das “grandes tendências de desenvolvimento da vida social” (p. 198). Interessa que o alargamento dos círculos sociais traz consigo o aumento da liberdade e mobilidade relativos dos membros; os pequenos círculos, em contrapartida, possuem uma “individualidade centrípetra” muito mais forte e com isso limitam a liberdade individual de movimento e desenvolvimento. Essa diferença, decorrência da relação histórico-universal entre a ampliação do círculo e a ampliação da liberdade pessoal, interior e exterior” (p. 200) — aqui esboçada em um único passo⁵⁵ —, se exprime também na contraposição entre cidade grande e pequena:

“A vida na cidade pequena, tanto na Antiguidade como na Idade Média, impunha ao singular limites de movimento e de relações em direção ao exterior e de autonomia e diferenciação em direção ao interior, no meio das quais o homem moderno não poderia sequer respirar — ainda hoje o habitante da cidade grande sente um pouco dessa espécie de aperto ao se mudar para uma cidade pequena.” (p. 199)⁵⁶

Essa liberdade, de que o homem da cidade grande já não pode mais prescindir, é a contrapartida do círculo social amplo no qual ele está inserido; é ela que caracteriza o habitante da cidade grande que, ao ser apertado em meio à massa, liga-se através de fios muito mais tênues e longínquos ao todo.

“Pois a reserva e a indiferença mútuas, as condições espirituais da vida dos círculos mais amplos, nunca foram sentidas

⁵⁵ Cf. G. Simmel, “Die Großstädte und das Geistesleben”, *op. cit.*, pp. 198-9; *Soziologie, op. cit., passim*, especialmente pp. 791-863; *Über sociale Differenzierung, op. cit.*, pp. 169 ss; “Bemerkungen über sociale-historischen Problemen”, *op. cit.; Philosophie des Geldes, op. cit., passim*.

⁵⁶ Foi isto o que Simmel sentiu ao se transferir, em 1914, de Berlim para Estrasburgo. O período de Estrasburgo não parece ter sido especialmente feliz para Simmel. Ele não perdia uma ocasião para deixar a cidade e ir para Heidelberg, onde ainda aliamentava, vários anos após o malogro de sua nomeação, uma esperança de ser chamado a ocupar uma cátedra. Sobre Simmel em Estrasburgo, H. J. Becker, “Georg Simmel in Strassburg”, in *Sociologia Internationalis*, vol. XXII, 1984, n.º 1/2, pp. 3-17.

de modo mais intenso em seu resultado para a independência do indivíduo do que na densa multidão da cidade grande, porque então a proximidade corporal torna a distância espiritual mais explícita. Decerto é apenas o reverso dessa liberdade se, sob certas circunstâncias, o indivíduo não se sente em nenhum lugar tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da cidade grande [...]” (p. 200)

Simmel trabalha, como sempre, proximidade e distância. Não há um sem o outro, e o que significa aqui distância é ali proximidade. Essa ambigüidade da proximidade corporal e distância espiritual, que explica essa sensação única de estar só em meio a uma infinidade de pessoas, é, ela própria, uma característica fundamental do moderno (que se exprime também no “papel duplo do dinheiro”). O moderno é ambíguo e a cidade, grande e moderna, é o local privilegiado da ambigüidade.

A cidade grande é também o lugar do cosmopolitismo. Isto é na verdade uma outra decorrência do ímpeto de concentração que caracteriza a cidade. Pois concentração traz consigo também difusão. E só assim a cidade grande se converte verdadeiramente em metrópole: na medida em que o que se concentra nela se difunde para além dela⁵⁷. É isto que Simmel denomina “magnitude funcional” (p. 201, grifo meu), pois consiste em relações (cf. o tópico “panteísmo estético”). Nas relações que a cidade estabelece para além de seus limites originais é que se estabelece quais são verdadeiramente os seus limites, o seu amplo raio de atuação, que reverte de volta ao núcleo irradiador e dá a sua dimensão verdadeira.

Pois a cidade grande, assim como o dinheiro, não conhece fronteiras. É exatamente isto que faz o seu habitante: romper fronteiras — interiores e exteriores. E isto reverte na própria idéia de liberdade individual:

“[...] a liberdade individual [...] não deve ser compreendida apenas em sentido negativo, como mera liberdade de movimento e supressão de preconceitos e flisetsismos; o que lhe é essencial é que a singularidade e incomparabilidade, que por fim toda natureza de algum modo possui, se exprime na configuração da vida.” (p. 201)

Assim, a cidade grande se torna o lugar da tensão entre o que Simmel denomina de individualismo quantitativo e individualismo qualitativo: tanto do indivíduo que é igual e livre como do indivíduo que é diferente e único (cf. “individualismo”, mais à frente). A cidade grande e moderna é

⁵⁷ Veja-se o que é dito mais à frente acerca das exposições industriais e universais.

também o lugar por excelência da concorrência. A massa que vive nela lhe permite o seu pleno desenvolvimento. Simmel analisa

"[...] a significação formal da concorrência para a síntese da sociedade. Ela consegue inúmeras vezes o que em outras situações apenas o amor consegue: o espreitar dos desejos mais íntimos de um outro, antes mesmo que eles tenham se tornado conscientes. A tensão antagonista frente aos concorrentes aguçava no comerciante a sensibilidade fina para as inclinações do público até um instinto quase telepático para as transformações iminentes de seu gosto, suas modas, seus interesses. E isto ocorre decerto não apenas com o comerciante, mas também com quem escreve no jornal, com o artista, o livreiro, o parlamentar. A concorrência moderna, que se caracteriza como a luta de todos contra todos, é também ao mesmo tempo a luta de todos por todos."⁵⁸

Essa mobilidade, que a concorrência tanto supõe como estimula, é concomitante à mobilidade do dinheiro. Não por acaso a concorrência econômica forma a representação usual da concorrência. Se a cidade moderna é o lugar em que a concorrência pode se desenvolver mais plenamente, vale dizer em um espaço cada vez mais amplo, abarcando cada vez mais domínios do mundo e da vida, ela acaba por fornecer um elemento significativo para a compreensão do moderno, tal como Simmel o percebe. Na medida em que a concorrência elabora tal "síntese da sociedade", ela se mostra como uma das "formas de socialização" que a sociologia simmeliana se propõe a investigar. Se A concorre com B por C — tratando-se seja de fabricantes de produtos, seja de namorados —, em outro nexo de relações C concorre com B por A, e assim por diante, em uma teia infinita. Assim se tece a sociedade, em um "tecer de milhares de fios sociológicos"⁵⁹. É fácil perceber como o modelo do "panteísmo estético" está aqui presente. O que torna a análise simmeliana especialmente rica e frutífera é, além disso, os nexos micro-macro que são postos sempre à prova. Simmel é o mestre das menores passagens⁶⁰.

Para Simmel, concorrência é tanto a concorrência dos grandes complexos econômicos como a concorrência no interior da família ou das re-

lações eróticas. Operando, a um rápido toque de sua pena ("pensando com o lápis na mão"), essas mudanças bruscas de dimensão, Simmel nos mostra a riqueza analítica do "panteísmo estético". A mobilidade que a concorrência evidencia é decerto a mobilidade característica do moderno e que a idéia de cultura filosófica toma para si.

É o próprio Simmel quem chama a atenção para o fato de que há uma afinidade entre a concorrência e o liberalismo, e portanto entre o moderno e o liberalismo.

"Quanto mais o liberalismo penetrou nas relações gerais de circulação e nas relações de hierarquia (não só nas econômicas e políticas, mas também nas familiares e sociais, religiosas e amigáveis), ou seja, quanto menos estas relações são pré-determinadas e reguladas por normas históricas gerais, quanto mais elas são abandonadas ao equilíbrio lábil, que se estabelece a cada caso, ou às transposições das forças — então tanto mais a configuração dessas relações irá depender das concorrentes continuas; e o desenlace dessas concorrências depende, por sua vez, na maioria dos casos, do interesse, do amor, das esperanças que os concorrentes, em medida variada, sabem suscitar no ou nos terceiro(s), o ponto central dos movimentos concorrentes. [...] E a conquista deste terceiro, milhares de vezes só é alcançável pelo meio sociológico da persuasão ou convencimento, do melhor preço e oferta, da sugestão ou da ameaça [...] significa tão-somente a instituição de uma ligação, desde a ligação momentânea da compra em uma loja até a ligação do casamento."⁶¹

Essa idéia do *libre jogo*⁶², que se exprime no liberalismo, é a idéia que Simmel atribui ao próprio moderno, e que o relativismo de sua visão de mundo busca acompanhar. É importante destacar que há portanto um nexo que articula o liberalismo e o moderno e, se assim é, o moderno é a época burguesa. Mas trata-se de uma época burguesa que se torna *problemática*. Ela é sentida como uma época de crise. A consciência da crise é um dos temas mais fortes e mais presentes na época, e se essa época termina com uma guerra, ela será apenas o "desfecho" dessa crise, sua potencialização máxima.

⁵⁸ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., p. 328.

⁵⁹ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., p. 328.

⁶⁰ As relações micro-macro foram retomadas por seu discípulo N. Elias, que vai buscar no, por assim dizer, micrológico a sócio-gênese dos grandes sistemas (como, por exemplo, o Estado moderno).

⁶¹ G. Simmel, *Soziologie*, op. cit., p. 329, grifo meu.

⁶² O Leitor lembre-se aqui de Nietzsche. A concorrência é análoga ao *agon* da luta homérica.

Há aqui quatro pontos que gostaria de destacar, embora não seja possível abordá-los tão longamente quanto necessário.

Embora tenha evitado propositalmente reduzir Simmel a uma posição de classe (1), já foi dito que o estrato social a que se lhe pode subsumir é o "Bildungsbürgertum" (apesar de sua posição ser matizada). Mas ele é um filho da época burguesa que permanece fiel a ela, embora não perca um momento em apontar as suas idiossincrasias. No interior de sua casa em Westend nós ainda encontramos a configuração do interior burguês, e as formas de sociabilidade que Simmel adota e privilegia são formas típicas e adequadas a esse ambiente determinado (isto será explorado mais à frente).

"O desafio decisivo no meio cultural burguês e seus valores dominantes, assim como no ideal de uma conduta de vida burguesa ligado a esses valores, vinha do seio da própria sociedade burguesa. A vanguarda da arte e literatura, punha no final das contas radicalmente em questão os ideais culturais burgueses, embora ela se movesse no interior da própria estrutura da sociedade burguesa e sobressa utilizar com sucesso as instituições da empresa artística burguesa para os seus fins. A palavra de ordem radical de Friedrich Nietzsche, acerca da 'transvaloração de todos os valores', combinada com a exigência de um individualismo aristocrático do espírito, que acreditava reconhecer o sentido do mundo exclusivamente no aperfeiçoamento intelectual e estético da personalidade em uma ordem cultural como um todo esvaziada de sentido, fornecia à vanguarda cultural argumentos substanciais. Uma cultura pós-burguesa se tuantes [freischwebender], que decerto desfrutava do apoio de uma camada, que cresce rapidamente, de mecenas capitalizados, dentre os quais logo também se encontram os capitães da grande indústria. A despeito disso, a vanguarda cultural da ordem capitalista-burguesa, embora pendesse economicamente dessa ordem, mantinha uma distância crítica em relação a ela, e até mesmo uma recusa rude. Para a vanguarda artística, o que valia era a criatividade individual, e não a manutenção dos ideais clássicos tradicionais, e menos ainda os princípios da conduta burguesa de vida. A época burguesa não havia atingido ainda o seu fim definitivo, mas no seu interior se formava uma nova cultura pós-burguesa. O desenvolvimento dessa cultura pós-burguesa, fragmentada em direções as mais diversas, em meio ao meio social da grande burguesia, era um sinal de que o estrato social da burguesia, anteriormente homogêneo, es-

tava decomposto em uma multiplicidade de grupos sociais, que tinham muito pouco em comum entre si."⁶³

Temos aqui os elementos para compreender como o presente era visto como uma época de crise (2), e isto nos leva imediatamente à filosofia da cultura simmeliana. A cidade grande e moderna é o lugar da discrepância da cultura subjetiva e da cultura objetiva⁶⁴, é portanto o lugar do moderno estilo de vida. É a expertise da cidade, que é uma análise do presente, que dá lugar à filosofia da cultura. E se assim é, pode-se dizer que foi somente a partir de suas experiências em Berlim que Georg Simmel elaborou sua teoria do moderno e sua filosofia da cultura.

De maneira natural, pode-se compreender que Berlim fosse o território que indicava a situação geral do novo Império. Tornada capital do Reich, residência dos Hohenzollern, centro econômico e político da "verspätete Nation", os dilemas da Alemanha aparecem em Berlim de modo pungente — basta pensarmos nas massas de trabalhadores e suas condições de vida, ao lado da grande burguesia industrial, da influente burguesia cultural, dos insurgentes estratos médios, sobre os quais pairava a corte e o Imperador. A época guilhermina é um período de transformação, uma transformação que, como já se repetiu inúmeras vezes, foi muito, incomparavelmente rápida. Isto açoitou a mente daqueles que viveram a época. E apesar do fato de o Segundo Império ser uma época de grande desenvolvimento, ele foi marcado por uma alternância muito forte de conjunturas de estabilidade e instabilidade. Isto contribuiu de maneira decisiva para a sensação de instabilidade que impregnava aqueles que a viviam. Isto estimula a consciência de que se vive um tempo de crise, dá lugar a um clima anticapitalista que, no interior dos segmentos sociais burgueses, se exprime na crítica da cultura e da sociedade. Um jurista da época afirmou:

"À sociedade industrial falta, apesar do brilho e da riqueza do desenvolvimento, a estabilidade da sociedade anterior. As formações dos partidos sociais se ligam com as fortes depressões, que se repetem no mercado mundial periodicamente e põem ocasionalmente as grandes classes da sociedade em estado de necessidade... Sob as conjunturas o mais das vezes desfavoráveis do mercado mundial, surge de todos os lados a queixa de um estado de necessidade: uma agricultura necessitada, empresa necessitada, comércio necessitado, companhia de

63 W. J. Mommsen, *Bürgerliche Kultur und künstlerische Avantgarde*, op. cit., p. 17.

64 Cf. G. Simmel, "Die Großstädte und das Geistesleben", op. cit., pp. 202-3.

nevegação necessitada, indústria necessitada, estratos médios necessitados, proletariado necessitado, todos imersos em uma polémica sem fim acerca de quem é o mais necessário. Mas há realmente um tal estado de necessidade? As listas do imposto de renda não confirmam a suposição de um estado de necessidade... O presumido estado de necessidade se origina, antes, do sentimento de insegurança dos ganhos, em virtude das oscilações das conjunturas em nossa época, ainda em curso, da produção em massa."⁶⁵

Esse estado de insegurança possibilita um fenômeno especialmente característico da época: a crítica da cultura. A desorientação cultural na Alemanha da virada do século, que por um lado prospera economicamente, mas por outro se sente insegura⁶⁶, fará do conceito de cultura o campo de batalha no qual se tenta explicar o seu momento histórico. Daí as diversas "teorias" da cultura; daí a "cultura" tornar-se o tema de preocupação sempre presente. "Por volta de 1900 'cultura' é a categoria central para dimensionar a realidade social como um todo e ao mesmo tempo uma variável da cultura da moda."⁶⁷ Um dos pontos que nos mostra como a filosofia da cultura é ao mesmo tempo um diagnóstico do presente é o fato do próprio conceito de cultura ser um "Kampfbegriff" ("conceito de luta"), ele é mobilizado nos contextos e sentidos os mais diferentes e divergentes, dando lugar a um enorme debate acerca da cultura e de sua condição no momento presente, em contraste com o que ela já foi e com o que ela ainda pode ser. Isto se mostra, naturalmente, no próprio texto de Simmel com o qual discuti sua filosofia da cultura. Ele foi publicado em um número "temático" da revista Logos (vol. II, 1911-12) dedicado à "cultura". Abre

⁶⁵ R. v. Gneist apud O. Rammstedt, "Die Attitüden der Klassiker als soziologischen Selbsterständlichkeiten. Durkheim, Simmel, Weber und die Konstitution der modernen Soziologie", in O. Rammstedt (org.), *Simmel und die frühen Soziologen. Nähe und Distanz zu Durkheim, Tönnies und Max Weber*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1988, p. 275. Sobre a situação econômica da Alemanha na virada do século: V. Henschel, *Wirtschaft und Wirtschaftspolitik im wilhelminischen Deutschland. Organisierter Kapitalismus oder Interventionsstaat?* Stuttgart, Klett-Cotta, 1978, especialmente pp. 205 ss.

⁶⁶ Lembro o leitor do sempre mencionado passo da *Philosophie des Geldes*, op. cit., p. 675, citado no tópico "estilo de vida".

⁶⁷ R. v. Bruch, F. W. Graf, G. Hübinger, "Einleitung: Kulturbegriff, Kulturkritik und Kulturwissenschaften um 1900", in R. v. Bruch, F. W. Graf, G. Hübinger (orgs.), *Kultur und Kulturwissenschaften um 1900. Krise der Moderne und Glaube an die Wissenschaft*, Stuttgart, F. Steiner, 1989, pp. 9-24, loc. cit. p. 12. Ver também W. J. Mommsen, *Bürgerliche Kultur und künstlerische Avantgarde*, op. cit.

o volume o texto de Simmel "Der Begriff und die Tragödie der Kultur" ("O conceito e a tragédia da cultura"); a seguir, outros textos discutem a ideia de cultura, de modo que há uma espécie de debate geral no qual diversos intelectuais são chamados a marcar sua posição: Heinrich Rickert, "Lebenswerte und Kulturwerte" ("Valores vitais e valores culturais"); Gustav Radbruch, "Ueber den Begriff der Kultur" ("Sobre o conceito de cultura"); Wjatscheslaw Lawanow, "L. Tolstoi und die Kultur" ("L. Tolstoi e a cultura")⁶⁸. Será também no contexto desse sentimento de crise que a sociologia como ciência vai tentar se impor como um saber legítimo e adequado para explicar e compreender a época.

A época, por fim, acaba por encontrar o seu desfecho na Guerra (3), que é algo que já estava presente desde sempre. O militarismo que caracteriza a época do Segundo Império nunca permitiu que o período que vai do final da guerra de 1870-1871 até 1914 fosse uma época de paz. Muito pelo contrário. Nesse período, uma nova guerra era algo esperado a todo momento; e quando ela é finalmente deflagrada em 1914, não causa surpresa a ninguém — o que mais podia surpreender é como ela demorou tanto para acontecer. A Guerra é a expressão bélica, por assim dizer, para o tempo de crise: sua potencialização máxima e a possibilidade de sua redenção (como se viu em "GUERRA!"). Portanto, não há nenhum acaso no fato de que um dos textos de Simmel acerca da Guerra seja intitulado "A crise da cultura".

O que temos após a Guerra é algo novo (4). É a possibilidade de se criar a partir do nada — tentou-se a revolução, tentou-se a democracia. Se as idiossincrasias da época burguesa foram superadas, ou não, é uma questão que não diz mais respeito a Georg Simmel.

A mobilidade de uma cultura filosófica é ela mesma, por assim dizer, "liberal", e se Simmel usufrui, ele mesmo, de uma mobilidade, ele é ainda um membro do "Bildungsbürgertum", dos estratos burgueses intelectuais e cidadãos (lembre-se o que foi dito anteriormente, em "estilo de vida", acerca das relações entre individualismo, liberalismo e assimetria). A própria ideia de cultura filosófica, assim como a atribuição de sentido que ela defende, é tributária dessa ideia do jogo. O jogo é o moderno como movimento, e encontra no dinheiro o seu símbolo. Isto é reforçado pela ideia da ligação, pois se por um lado a interação — enquanto substância da

⁶⁸ O conceito de cultura faz parte do "espírito da época": A. Warburg, J. Burckhardt, F. Nietzsche, J. Huisinga, O. Spengler, H. Freyer, K. Mannheim, para lembrar apenas alguns, tematizam especificamente o problema.

socialização — é o estabelecimento de uma ligação, por outro o dinheiro é mediador e a instância mediadora por excelência.

Se o moderno se caracteriza por esse *livre fogo*, isto significa que ele é *contingente*. O moderno, objeto da análise de Simmel, não está submetido a uma lei que ele deve cumprir, a uma teleologia pré-estabelecida — pense-se por exemplo em Comte, em Saint-Simon (lei dos três estágios), em Marx (advento da história, do comunismo), Spencer (evolução). O moderno é um processo que não tem ponto de chegada. Ele é análogo ao todo que o “panteísmo estético” simmeliano postula: se desenrola infinitamente⁶⁹. Essa caracterização do *moderno como contingente*, tributária da passagem *moderna* do que era fixo para a mobilidade e maleabilidade, *da substância para a relação*, é um dos pontos fortes da análise de Simmel, condição e ao mesmo tempo resultado de sua idéia de cultura filosófica⁷⁰.

AS EXPOSIÇÕES

Entre 1º de maio e 15 de outubro de 1896, em Treprow, já então um subúrbio a leste de Berlim, realizou-se a Exposição industrial de Berlim, em uma área de 900.000 m². O *cartaz*, tradicional mas significativo, retrata, ao fundo, a silhueta da cidade com suas construções características, que permitem identificar rápida e facilmente que se trata de Berlim; em primeiro plano, uma mão segurando um martelo, como se fosse um missionário empunhando uma cruz, irrompe violentamente das profundezas do solo. A mão é significativa: certamente não se trata da mão de um industrial, mas sim de um trabalhador, em Berlim famosos por suas condições miseráveis de vida. Essa mão sai da profundidade do solo alemão como que para indicar que um novo tempo irrompe, o tempo da grande Alemanha, do “Segundo Império” — Berlim, capital do Reich —, da segunda maior e mais potente economia mundial da época. A cena é emoldurada por duas colunas que têm como capitéis dois ursos, o símbolo da cidade. Ao pé das colunas, de um lado a coruja, simbolizando o conhecimento racional, de outro abelhas: disciplinadas, organizadas, trabalhadoras, incansáveis, produtoras do mel¹.

A exposição foi inaugurada pelo Imperador com pompa e circunstância²; o docente Georg Simmel escreveu um pequeno artigo, que no entanto só foi publicado em um jornal vienense³. Trata-se de uma Exposição industrial. Simmel a situa, entretanto, na “família” e na “história das exposições universais” (p. 167, p. 168). Elas exprimem um fenômeno sociológico recorrente: o fato de que uniões, associações e mesmo acontecimentos perduram para além da necessidade de suas funções e motivos originais. Elas perduram, agora, com a finalidade do *divertimento*. Assim anteriormente

⁶⁹ Mesmo quando, nos escritos de guerra, Simmel acena com um “novo” homem/indivíduo, ele se recusa a caracterizá-lo positivamente.

⁷⁰ Sobre a contingência ver B. Waldenfels, “Ordnung in potentialis”, *op. cit.*; M. Makropoulos, “Modernität als Kontingenzkultur. Konturen eines Konzepts”, texto datilografado.

¹ O cartaz é reproduzido em *Museums Journal*, “Sonderheft Stadtmuseum Berlin”, março de 1996, p. 52.

² Cf. N. Elias, *Studien über die Deutschen*, *op. cit.*, pp. 107 ss.

³ G. Simmel, “Berliner Gewerbeausstellung”, in *Die Zeit*, Viena, 25/7/1896, pp. 59-60; republicado em *Vom Wesen der Moderne*, *op. cit.*, pp. 167-74. A seguir, nas citações deste texto, indicarei apenas o número da página entre parênteses, após a citação.

